

Chanel volta com força ao 'fast fashion'

Vanessa Barone

Alguns culpam o filme "Coco avant Chanel", que estreou na Europa e mostra a vida da estilista francesa Coco Chanel antes da fama. Outros, dizem que foi uma consequência da crise, que está valorizando os clássicos da moda. O fato é que a bolsa 2.55 - de couro matelassê e alça de corrente - criada por Chanel em fevereiro de 1955, nunca esteve tão em evidência.

Isso significa não apenas um sucesso de vendas da grife, mas uma infinidade de cópias fiéis e modelos inspirados que vêm inundando o varejo brasileiro, desde o inverno. A loja Chanel da Villa Daslu recebeu 60 bolsas do modelo 2.55 em agosto. Foram vendidas assim que chegaram a consumidoras que haviam colocado seus nomes numa lista de espera. Uma nova remessa deverá chegar à loja no final do mês. Já é aguardada por cerca de 60 clientes. O preço médio de um modelo 2.55 é de R\$ 12 mil.

Entre as grifes nacionais que estão seguindo os passos de Mademoiselle Chanel nesta temporada estão Arezzo, Dumond, Corello, Schutz e Fina Seraphina.

Para a diretora da marca Chanel para a América do Sul, Cicila Street, a homenagem é bem-vinda. "Este fenômeno é internacional. Em Nova York, por exemplo, vi releituras da 2.55 nos grandes varejistas como Zara, Top Shop e até em camelôs", diz Cicila. "Considero uma boa forma de mencionar o trabalho de Chanel." De acordo com Cicila, as vendas do modelo matelassê sempre foram constantes. "É comum a menina ganhar dos pais, aos 15 anos, ou a mulher ganhar do marido, em alguma data especial."

Mas a crise que estourou no final do ano passado aguçou o desejo das consumidoras de artigos de luxo por peças clássicas, que vão permanecer por anos no guarda-roupa. "Com uma bolsa Chanel, você está bem vestida em qualquer ocasião."

E para manter o modelo sempre vivo no coração das fãs da marca, a Chanel lança, a cada coleção, novos materiais e acabamentos para a 2.55. No site da grife há bolsas de tweed e de cetim, além da tradicional, feita de pelica superfina, com o forro cor de vinho. "Chanel escolheu este tom, o vinho, porque era a cor do uniforme do orfanato em que ela viveu." Segundo Cicila, outro detalhe da 2.55 também remete a esta fase da vida da estilista: a corrente, de que é feita a alça, foi tirada do cinturão de uma imagem de um padre, que ela observava quando pequena. O modelo original, com costura matelassê (formando pequenos losangos) ainda traz um porta batom e um bolso, fechado a zíper, "onde Chanel guardava os bilhetes de seus fãs."

Os sites de comércio virtual confirmam o aumento de demanda e, por consequência, o de oferta. No Mercado Livre, por exemplo, há bolsas começando em R\$ 300 e que chegam a R\$ 6 mil. Difícil é diferenciar entre o original e o produto pirata. As bolsas Chanel originais vêm com um número de série gravado no interior da bolsa. As costuras do matelassê são completamente simétricas, tanto na parte de trás quanto na parte da frente. Costuras com aspecto ruim, portanto, são um indício de produto "frio".

Para Sílvia Barros, coordenadora de tendências da Arezzo, o momento é da 2.55 e de nenhuma outra. "Estamos vendo uma verdadeira 'chuva de Chanel' principalmente na chamada 'fast fashion'", diz. Segundo ela, as clientes da grife tem entrado nas lojas da Arezzo perguntando "por aquele modelo de bolsa com alça de corrente". Por conta disso, a Arezzo tem vários modelos com esse tipo de alça - que inclusive vão continuar em alta no inverno de 2010. Segundo Sílvia, ela chegou para substituir as bolsas com alça curta, de levar no antebraço, que estavam no auge, nas últimas temporadas. "É o momento da bolsa tiracolo."

As versões nacionais da 2.55 têm preços bem mais modestos do que a bolsa original, variando entre R\$ 200 e R\$ 600. A maior parte é feita de couro. Em sua segunda coleção, a Fina Seraphina tem vários modelos que remetem à bolsa da Chanel. "Ela é o objeto de desejo de toda mulher", diz Luciana Bonadia, gerente de desenvolvimento de acessórios da grife. "Acho

que este revival tem a ver com a moda feminina estar novamente incorporando itens masculinos. Isto tem tudo a ver com a proposta de Coco Chanel."

A estilista Carina Parra, da empórionaka, arrisca até creditar o Ano da França no Brasil pela tendência. "Este acessório é um ícone francês", afirma. O primeiro lote enviado à loja-conceito da grife, no Itaim, um bairro de São Paulo, acabou em poucos dias. "Ampliamos o número de modelos e cores." Nas lojas da empórionaka, há versões da 2.55 entre R\$ 300 e R\$ 550, com vários tamanhos e materiais como lona e couro metalizado. Parte do processo de produção das peças é feita à mão. As cores fogem do usual: amarelo, vermelho e pink (rosa forte), contra o preto da bolsa original. Os tons fluorescentes, que estão em alta na estação, foram os escolhidos para as versões da bolsa Chanel feita pela grife Schutz. A Dumond preferiu o branco. A grife criou uma versão miniatura da 2.55, com espaço para documentos, dinheiro e batom. "Ela foi desenhada para ser usada até com jeans", diz Ana Carolina Fussiger, estilista da Dumond.

Valor Econômico, São Paulo, 29 set. 2009, Empresas & Tecnologia, p. B6.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais